



O castello de Guimarães

É muito notavel o entusiasmo, com que o auctor do *Tratado Elementar de Geographia*, D. José de Urculu, começa a fallar de Guimarães. — Villa linda, diz elle, villa linda e industriosa, no meio d'uma campina tão agradável como fertil entre os rios Ave e Vizela, cercada duma muralha de 3:685 passos geometricos de circumferencia, fortificada com 7 torres..... Guimarães foi a primeira capital da monarchia portugueza; aqui nasceu D. Affonso Henriques; tem muita nobreza antiga; é patria igualmente de muitos illustres varões. —

Cumpre distinguir a Guimarães antiga da Guimarães moderna. — Segundo vemos pela noticiosa *Corographia Portugueza* do Padre Antonio Carvalho da Costa, o assento da primeira foi entre os dois rios, já indicados, ao pé do monte Lafito, dividido depois em dois nomes—o de Santa Maria, e Monte Largo, entre o norte e o nascente. — No cume desse logar altissimo mandou a condeça Mumadona edificar um castello, e dentro d'elle uma torre, toda fechada, que muito de longe se avista. À entrada dessa torre, á mão esquerda, estavam esculpidas em uma pedra as letras seguintes: *Via maris*, de que alguns auctores tomaram o nome latinado de *Vimaranes*, facilmente convertido no de *Guimarães*. Outros, porém, inclinam-se a crer que algum senhor Godo possuiria a terra, e que tendo o nome de *Vimareno*, este fosse posto á mesma terra.

Dentro daquelle castello se encontram vestigios dos paços do conde D. Henrique, assim como permanece o paço do primeiro duque de Bragança, D. Affonso, — a magestade architectonica do qual paço o Padre Antonio Carvalho encarece com hyperbolicos termos.

Sabido é que o conde D. Henrique estabeleceu em Guimarães a sua côrte; bem como é tambem sabido que nos Paços Reaes da velha Guimarães

nasceu D. Affonso Henriques, o fundador da monarchia portugueza.

Guimarães, a povoação nobre, foi sempre honrada pelos soberanos de Portugal. El-rei D. Diniz começou a cercal-a de fortes muros; seu filho, D. Affonso IV completou a fortificação; e D. João I, de boa memoria, acrescentou as torres, que melhoraram inda mais os meios de defeza.

Voltando ao castello, empregaremos as proprias expressões do mencionado Padre Antonio Carvalho, que apresentam a medição exacta de sua área, e imaginosamente pintam a perspectiva que aquelle ponto offerce:—Tem este castello de terreno, dentro da sua muralha, de nascente a poente sessenta e nove passos, e de norte a sul trinta e seis, e no meio d'elle está servindo de penacho a torre velha, que se a domina com a sua altura, ellas com a valentia, e fortaleza da sua nova muralha a desassustam do risco das baterias, por ser a sua architectura mais forte. —

Com uma certa melancolia se nos apresentam á memoria as noticias dos tempos que já lá vão. Assim, e debaixo deste aspecto, acolhemos de bom grado estas palavras historicas:—Em quanto este castello foi assistido de seus primeiros Reis, elles mesmos eram os seus alcaides mores: ao depois seus successores o entregavam por homenagem, e punham nelle Alcaides para a sua defensa, que muitos annos o habitaram, fazendo sua morada no Palacio Real, que depois com a sua ausencia chegou a ver mui breve sua ruina. —

Fallando-se de Guimarães, é dever de justiça recordar as honrosas expressões da Carta de 22 de junho de 1853, pela qual foi aquella villa elevada á cathegoria de cidade, com a denominação de *Cidade de Guimarães*, — e são as seguintes:—Attendendo a haver ella sido o berço da Monarchia, e assento da primeira Côrte dos Reis portuguezes, onde nasceu e foi batisado o pode-

roso D. Affonso Henriques; attendendo a que a mesma villa disfructa a primasia de ser uma das mais populosas da provincia do Minho, e a mais florecente em diversos ramos de industria, á qual são devidas a sua opulencia e prosperidade, e as suas relações commercaes dentro e fóra do paiz: attendendo a que a famosa villa de Guimarães sempre foi honrada por meus augustos predecesores com especiaes privilegios, possuiado condições e elementos necessarios para sustentar a dignidade e cathgoria de cidade; etc. — A rainha, a senhora D. Maria II, de quem é esta Carta, alludia tambem ao que presenciára em Guimarães, por occasião da sua visita á provincia do norte.

A GALATEA MODERNA

(Continuado de pag. 207)

XXVI

Desenlace

Alfredo ficou mudo de espanto e dor. Tantas haviam sido as emoções daquelle dia; tal a força de animo que empregára, para vencer a paixão que o dominava, e manter-se na senda do dever e da honra; que, ao ver a formosa senhora quasi sem vida, meneiando os braços e cerrando os olhos como se quizesse affugentar alguma visão medonha, ficou abalado, e a si mesmo perguntou se não seria melhor e mais santo, esquecer o passado, desprender-se do presente, abandonar patria e amigos, e fugir para longe com a mulher amada, da qual o apartára um destino fatal. Attonito, absorto, excogitando o desenlace daquelle drama, em que o coração se lhe dilacerava nas garras da duvida, mal podia socorrer Violante, e arrancal-a do espasmo doloroso, que a confrangia.

Alfredo atravessava um desses momentos de duvida e hesitação, momentos supremos, que influem no futuro e na vida de um homem. Fugir, levar consigo Violante, desafiar as iras do mundo e, por ventura, as da consciencia, arcar com as recordações sempre redivivas, fraquear e mentir a todos os projectos, que o alentaram nas horas de angustia e abandono, quando errava só e desolado nos ermos da vida, ir alem do esquecimento, acceitar um passado, que não fóra seu, reconhecendo-o e firmando-o com o seu nome; fazer todos os sacrificios em favor daquelle que, por um capricho ou demasiada sensibilidade, havia tolhado de nuvens um futuro de amores e felicidades, e cortado, com impiedosa mão, o fio, comum de duas vidas, era quasi exigir o impossivel. E, comtudo, estava prompto a tenteal-o. Chegára ao momento de escolher. Bastou-lhe um relancear de olhos por sobre o bello corpo de Violante; bastou-lhe contemplar aquelle rosto angelico moldurado de fartos e compridos cabellos, aquella boca semi-cerrada, os olhos velados, a pallidez quasi lethal, e o peito, que arquejava, como se cada soluço fosse o do passamento; tanto bastou para esquecer tudo e para se lembrar sómente da cega paixão, que o arrastava.

Ergueu, pois, o corpo exanime de Violante;

encostou o peito ao della, deu-lhe um longo beijo de amor, um desses beijos que são uma como transfusão de sangue e vida, mais do que um fremito apaixonado, mais do que uma caricia vehemente, porque é um entranhar de alma na outra, é um laço indissolvel de duas existencias, é uma dupla harmonia moral e physica.

Violante accordou de repente, como que revocada á existencia, e vendo-se nos braços de Alfredo, olhou espantada derredor. Depois, sorrindo tristemente, limpando a furto as lagrimas, que lhe marejavam os olhos, envolveu Alfredo em um daquelles olhares languidos e demorados, que são como que o espraiaer da onda pela areia. E erguendo-se logo, fugindo dos braços de Alfredo que a apertava, disse em tom sumido:

— Dizia ha pouco que era impossivel. Eu digo agora que é tarde.

— Oh! Eu fui um louco. Devia esquecer tudo. Amo-te, Violante! Oh! amo-te! sim! Sinto-o, conheço-o, affirmo-o. Foje! Fugamos! Serei o pae de teu filho...

E Alfredo soluçava e caindo aos pés de Violante, regava-lhe as mãos com o pranto.

— Não me tentes, Alfredo. Avisaste-me a tempo. Mostraste-me o abysmo, que cavei com as proprias mãos. A tua paixão é grande, porque nem mesmo soubeste perdoar-me o passado. A ferida foi profunda. Se não goteja agora, cedo se abrirá de novo.

— Cruel! Não vês como soffro? Tu foste a causa dos meus tormentos, sê agora o balsamo das feridas que abriste.

— E não vês tambem como soffro? Palpa-me o coração, e terás dó de mim, que te amo tanto, tanto, que sem ti cedo morrerei.

— Vivamos juntos. Vem, vem comigo. O mundo é largo. Ainda ha espaço para dois amantes.

— Não! O mundo é estreito para as nossas almas.

— Então, morramos.

— Para que? Para que juntar a uma culpa, um crime? Deixa-me só com o meu remorso, e vae-te com a minha recordação. Conhecer a felicidade e não a gosar, que maior castigó, que mais tremenda expiação? Eu fico-me com o meu filho que me salvou. Lembra-te alguma vez de mim.

— Oh! sempre! sempre! O que vae ser a minha vida senão lembrança perpetua? Do preterito vivem os desenganados. De ti, Violante, luzeiro que me allumiaste a vida, e me deixaste nas trevas; de ti, que foste anjo e demonio, porque me abriste um ceo e um inferno, porque me lançaste maldições cá dentro, que a tua presença dissipou por encanto; de ti, meu unico e primeiro amor, de ti sómente me lembrarei até que o destino ou a morte nós ligue outra vez. Oh! meu Deus! meu Deus! Se houve jámais um homem capaz de te comprehender, Violante, sou eu esse homem. Mal te vi, tão linda e formosa, na aurora da mocidade, no fervor da innocencia, para logo advinhei os thesouros do teu coração, e a minha alma, gemea da tua, começou a entoar o hymno do amor,

a perpetua canção que embala os mundos. Sofrimentos, penas, amarguras da ausencia, saudades que sentia e me escaldavam o peito, tristezas sombrias, destas que lisnam tudo o que ha de sentimentos puros no coração, de tudo me esqueci, para lembrar aquellas dulcissimas melancolias, aquelles fremitos de amor, aquelles receios entremeiados de esperanças, com que tu me matizavas a vida. Sim! esqueci o passado. São pallidas estas palavras. Vem comigo.

— Levanta-te, Alfredo. Não sejas o demonio tentador.

— Violante! Em nome de teu filho, vem! Eu fui o culpado. Tu foste sempre innocente...

— Mentira! gritou Violante, erguendo-se com energia selvagem e deitando para traz as suas longas tranças. Mentira! A culpada fui eu! Em nome de meu filho me chumbaste para sempre ao rochedo da minha dôr; em nome d'elle, queres supitar o remorso. É tarde! é impossivel, repito ainda. Se não fosse aquelle innocente que tem o futuro diante de si, eu cederia á paixão que me rala as entranhas e me offusca. Fugiria do mundo; a todos diria que te amo. Deshonrar-me-hia; atravessaria o esterquilino da maledicencia; apregoaria a minha culpa. Porque o nosso amor é immenso, é egoista, é absoluto. Porque tudo o que ha de sentimento em nós seria pouco para lançar na fornalha, donde irrompe a labareda, que nos requeima. Adeus! adeus!

— Oh! não! Ainda uma vez. Vem comigo. Fugamos.

— É impossivel! Tu o disseste.

— Pois bem, exclamou Alfredo com voz surda e reconcentrada. Adeus! Adeus para sempre! Já-más me tornarás a ver.

E saio.

Violante seguiu-o com os olhos rasos de agoa.

Depois, deixando-se cair sobre um sophá, ciciou em voz entrecortada de soluços:

— O que me resta? Alfredo está vingado! Venha a morte agora. Ah! meu Deus! acabou-se, tudo! tudo se acabou!

XXVII

Epilogo

Eram passadós dois annos quando Alfredo recebia, na Suissa, a seguinte carta do seu amigo João Alvares:

«Meu bom amigo. — Violante, a pobre Galathea da tua mocidade, morreu hontem! Coitada! Foi mais uma flor, que a foice da morte cortou impiedosa. Della se pôde dizer estes versos de uma das orientaes de Victor Hugo:

*Hélas! que j'en ai vu mourir de jeunes filles!
C'est le destin. Il faut une proie au trépas,
Il faut que l'herbe tombe au tranchant des faucilles,
Il faut que dans le bal les folâtres quadrilles,
Foulent des roses sous leurs pas!*

Morreu ao sair do baile, quando o coração lhe batia ainda ao compasso de um galope frenetico, e as cores do rosto luctavam contra a pallidez da morte!

Morta! morta! E ninguem sabe do que morreu a desaventurada! Foi um suicidio longo e pe-

nosó, um combate a todo o transe com as recordações de um passado!

Violante morreu por ti.

Deixa-me que te conte isto desde que fugiste daqui allucinado e louco.

A gentil Violante, aquella tua violeta do valle, como lhe chamavas, mal se vio sósinha no meio do mundo, que a cercava, começou de aborrecer a vida, que toda lhe era perpetuo e incomportavel sacrificio.

Se ella vivesse em outras épocas, entranhar-se-hia em algum convento, e buscaria o esquecimento, essa felicidade dos desgraçados, nas rezas e nas vigílias sobre as lages humidas da igreja.

Mas neste seculo, sem fé, descerido, as almas afflictas lançam-se no turbilhão, accodem ao vertice, embrenham-se nas voragens da multidão, porque só ahí, no desconcerto medonho em que todos rodopiam, é que elles encontram a solidão e o olvido.

O excesso de civilisação gera as bachantes, e Violante foi uma dessas pobres almas que na taça da embriaguez sugaram o veneno lethal.

A tua fuga foi o signal de morte. As tuas ultimas palavras de adeus soaram aos ouvidos della como um hymno de destruição. Desde que as esperanças foram contigo, que restava áquelle coração formado de poesia e amor. Morrer. Assim fez. A sua vida foi uma continuada vertigem, foi um destruir constante de todos os principios vitales.

Nos bailes era incansavel. Dançava como louca, porque sabia que aquelle volteiar a conduzia á sepultura. Quantas vezes a via eu já pallida e defecada, apertando o peito, respirando a custo, com os olhos fulgurantes de febre e desespero, fazer um derradeiro esforço, e proseguir na lucta! E ria-se a desgraçada! ria-se, quando as lagrimas lhe borboalhavam nos olhos!

Horriavel supplicio!

Perseguida pela calumnia, soffrendo sempre os diterios e desconfianças do visconde, que a baroneza acorrentou ao seu carro triumphal, a pobre victima escarnecia do mundo, e caminhava para a tumba, como quem buscava o termo de tantos males.

Foi-lhe a morte allivio e esquecimento.

Todos se espantavam daquella perpetua correria. Todos a admiravam e perguntavam o motivo porque aquella mulher tão formosa e louca, não tinha um amante; ella, que zombeteava de todos e de tudo, ella, que parecia esquecer todos os laços sagrados da familia. O mundo é um conjuncto de estupidos. Ninguem sabe aprofundar e curar estas chagas corrosivas, que minam e destroem o organismo até ás ultimas fibras!

Eu fui o confidente de Violante. Eu só a segui com olhos attentos durante o seu suicidio. Quantas vezes, ao recolher das festas, não ajoelhava ella e resava horas e horas contemplando o filho? Quantas vezes não se rojava aos pés da cruz e pedia a Deus a morte, como favor supremo e unico remedio? Fez-lhe Deus a vontade. Morreu, e o

meu coração alanceado confrange-se com a recordação da pobre Ophelia.

Vem, amigo. Agora só encontrarás a sombra della. — *João Alvares.*»

Por uma tarde de verão, em que o sol, como um rio de ouro e purpura, inundava, com os seus ultimos clarões, as nuvens e o mar, Alfredo e João Alvares ajoelhavam sobre o tumulo de Violante, no cemiterio dos Prazeres.

Algumas palavras sentidas, algumas lagrimas verdadeiras, um balbuciar de consolações foram a oração funebre proferida por aquelles dois homens.

Alfredo comprou a casa solarenga do Minho, e lá vive entregue ao estudo. Na saudade, no «gosto amargo de infelizes» busca elle consolação para aquella immensa dôr da mocidade.

XXVII

Moralidade

Aqui finda a viridica historia de Violante, cuja moralidade bom é que cale no animo de todas as Galatéas que, longe de fugirem para os salgueiros e cannaviaes, fogem para as salas e respiram, com prazer, a calida e inebriante atmosphera dos bailes.

Da mesma sorte que a Galatêa antiga devem as modernas não ter coração. Se uma vez, uma só vez, sentem aquella viscera incommoda; se a poesia lhes entrou la dentro; se aspiraram ao bello e conheceram um vacuo na vida, que só o amor pôde encher; se um dia admiraram com os olhos da alma as bellezas e os esplendores da natureza, quando o sol desaparece por traz das altas grimpas ou surge no meio das ondas, e quando a brisa cicia pela ramadas, os insectos voejam nas relvas, e a lua passa triste; se, por acaso, ao suspirar do vento por noites de outomno responderam com um suspiro do peito, com um aneiar desconhecido e delicioso; se, no meio do baile e das festas, cercadas dos mil arruidos discordes, ouvem, de repente, uma musica longinqua e suavissima, uma chorea angelica, uma toada melancolica, ai! das pobres Galatêas, que estão perdidas sem remedio. Ai! das pobres Galatêas, que amam. Desde esse momento fatal, adeus toilettes, penteados, vestidos, joias, e tudo o mais que é a quasi essencia das Evas do nosso seculo.

Eil-as subjugadas. Debalde luctam, que as espera a derrota ou a morte.

Ponde os olhos na Galatêa, que muito amou, ó vós, mulheres e donzellas, que só sentis a febre da walsa. Fugi da febre do amor, dessa peste mil vezes peor do que as epidemias do Ganges e da Missinifir. Ponde os olhos nesta desventurada, que, menos feliz do que Magdalena, muito amou, e quem sabe se Deus lhe perdoou? Tomae cuidado que na *charlotte russe* do vosso viver, composto de bailes, theatros, festas, concertos de caridade, pienes campestres, etc. etc., não entre a menor parcella de amor — hydrophobia de todas as *Galatêas modernas*.

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

RECORDAÇÕES LITTERARIAS

Pareceu-me que prestes conciliaria o somno. Enganei-me; e ainda bem! Começaram a desfilar diante de mim os pensamentos, que mais vivamente me haviam impressionado em recentes leituras.

Vou apontar algumas dessas — tão gratas — recordações; mas não espereis encontrar nexo, nem ordem, entre esses pensamentos: irão apparecendo taes como a memoria, ajudada da imaginação, mos foi apresentando, diversos, de todo ponto estranhos — uns aos outros.

Não são sombras, filhas do delirio da imaginação! Muito bem o sei! São eternas... porque existem!

Estas palavras poz um poeta allemão na boca do Tasso, alludindo certamente a Armida, a Clorinda, a Erminia, creações immortaes do cantor da *Jerusalem Libertada*. — Sim... essas filhas da imaginação do Tasso *existem* realmente, e hão de ser tão duradouras, quanto o fôr a humanidade!

LENDA CURIOSA

No *Rokeby* de Walter-Scott ha uma allusão a um navio fantasma, o *Volteador Hollandez*.

Em uma nota encontra-se esta explicação: — Querem dizer que um pirata hollandez, tendo commettido crueldades inauditas no discurso de suas correrias, foi condemnado pelo Céu a vaguear perpetuamente pelos mares no seu navio, e com a tripulação que o acompanhava: o encontro com aquelle navio-fantasma é de ruim agouro. —

Supersticiosa, mas moralisadora lenda!... Páire sempre o terror sobre a creatura, a quem visitarem as tentações do crime!

Tria magna inania: expressão do encyclopedico Leibnitz. — Quereis agora saber o que aquelle homem chamava — *as tres grandes cousas vãs* —? eram: a pedra philosophal; o movimento continuo; e a quadratura do circulo.

Em nossos dias, graças a Deus, o espirito humano sómente applica a sua actividade ao que é racional, ao que é factivel!

Já neste tempo esclarecia a manhã, que foi para os nossos tamanha alegria, como acontece aos que em alguma tormenta se viram perdidos pela escuridade da noite, quando o dia lhes amanhece claro e sereno.

Esta graciosa comparação é de Diogo do Couto, na *X Decada da Asia*, e se refere ao aperto dos portuguezes durante a noute na fortaleza de Columbo em Ceilão: a luz do dia os alegrou em extremo, dissipando com as trevas o terror que estas naturalmente inculcavam.

A MUTAÇÃO DE SCENA

Vêdes essa veiga (o mar), ou vargea tão estendida, vêdes essa planicie immensa tão quieta e tão igual; pois não vos fieis de sua quietação, nem de sua igualdade, porque debaixo della estão escondidos grandes montes.

Assim se exprime algures o Padre Antonio Vieira. — Agora oavi a sublime comparação de Homero, tal como a traduzio o nosso Filinto Elysio:

*Quaes, c'oa tormenta as ondas se alevantão,
Raiosas dão no lenho, que as rebate;
Braima o vento nas vélas solto em furias;
Encarueira-se o pégo, geme ao longe
O ar; perde a arte o tímido piloto;
Vê, em cada vaga a Morte, que o rodêa.*

O GRACIOSO DITO DE UM PONTIFICE

O papa S. Gregorio, passando um dia pelo mercado dos escravos em Roma, acertou de ver umas creancinhas de rara belleza; e, em sabendo que eram pagãos inglezes, disse: *Non Angli, sed Angeli, forent, si essent christiani.* (Não seriam Anglos (Inglezes), mas sim Anjos, se fossem christãos.)

Com rasão observa um escriptor francez, que este dito «é ao mesmo tempo digno de um Papa, e de um homem de vivo engenho.»

A INTENÇÃO NOS ACTOS HUMANOS

Charles Lucas, ponderando a difficuldade que ha de penetrar a *intenção* nos actos do homem, emprega estes bellos conceitos:

— «Um archeiro despede uma frêcha, na qual tinha escripto: *ao olho esquerdo de Filippe*; e num atomo a frecha vae attingir o olho de Filippe. — Eis-aqui, diz Bentham, uma intenção bem definida, e de todo ponto correspondente ao facto. — Mas, onde lemos nós, onde está escripta a intenção nos actos humanos?» —

UMA BELLA TRADUCCÃO

Ha em Cicero uma amplificação sublime, no seguinte lance:

Facinus est vincire civem romanum, scelus verberare, prope parricidium necare: quid dicam in cruce tollere?

De todas as traducções que tenho visto deste magnifico rasgo de eloquencia, nenhuma me agradou tanto, como a seguinte em lingua castelhana:

Atentado es aprisionar á un ciudadano, es una maldad azotarle, y casi un parricidio darle la muerte: ¿qué diremos de clavarle en una cruz?

Oh! quanto não é energica a lingua castelhana, quanto não é sonora e magestosa!... Ainda nos escriptores de segunda ordem é arrebatadora. Vede como o Padre Eusebio Nieremberg, jesuita, e escriptor do primeiro quartel do seculo XVII, se exprimia acerca da *adulação*, e da *humildade*:

La adulación, fuera de ser mentira, es muy perniciosa: es la que esmalta los vicios, y los hace preciosos.

Si bien la humildad no es principio y origen de las demas virtudes: es empero la que desembaraça la posada, y es como aposentadora de todas.

PENSAMENTO PROFUNDO ACERCA DO CELIBATO

Recorda M. Villemain que no Concilio de Niceia, estando em discussão a lei de celibato, opinaram muitos no sentido mais rigoroso; um venerando ancião, porem, um martyr, Paphnutios, um dos *Confessores* das Igrejas Egypcias, ergueu a voz e disse: *Olhac que não courem que o coração do homem esteja em demasim desencaçado de affeições!*

UM CONCEITO DE RAFAEL DE URBINO

Em uma obra de Quatremère de Quincy: *«Histoire de la vie et des ouvrages de Raphaël»*, encontrei como *epigraphie* o seguinte conceito:

Sobrecita dire Raffaello che il pittore ha obbligo di fare le cose non come le fa la natura, ma come ella le dovrebbe fare. (Costumava dizer Rafael, que ao pintor cabe fazer as cousas, não como a natureza as fez, mas sim como ella deveria fazel-as.)

Não foram só estas as minhas recordações: mas, para não cançar a attenção dos leitores, reservarei as restantes para outra outra occasião.

J. SILVESTRE FERREIRO.



A morte do general Wolfe no Canada

A nossa estampa reproduz o quadro, em que o pintor americano West apresenta a pathetica scena dos ultimos momentos do general Wolfe na batalha de Quebec, — pintura, que o gravador Woollett reproduzio em estampa com muito talento. Dessa estampa é copia a que ora estamos vendo.

Quem era o general Wolfe? James Wolfe nasceu em Westerham, condado de Kent, no dia 15 de janeiro de 1726. Filho d'um official do exercito inglez (Edward Wolfe), seguiu tambem a vida militar; e tendo-se distinguido nos campos de batalha da Europa e da America, foi-lhe, afinal, confiado o commando das tropas inglezas que, em 1759, foram enviadas ao Canadá.

Foi o caso que, no indicado anno de 1759, preparou Pitt uma expedição contra Quebec, no intento de despojar a coroa de França dos seus mais importantes estabelecimentos na America. O commando das forças maritimas foi confiado a Saunden, e o das forças de terra (7:000 homens incluindo as milicias provinciaes) a Wolfe. Commandava as forças francezas o bravo Montcalm. A expedição chegou a 26 de junho á ilha de Orleans; os mezes de julho e agosto foram empregados em tentativas diversas da parte das forças britannicas contra os francezes, até que na noite de 12 para 13 de setembro desembarcou Wolfe as suas tropas em um ponto visinho de Quebec, e, favorecido pela escuridão nocturna, occupou os outeiros que dominam a cidade do lado de Oeste. Quando Montcalm soube que os inglezes estavam de posse daquellas alturas, vio logo que sómente podia defender Quebec dando uma batalha; e nessa conformidade tomou as convenientes providencias. Foi, effectivamente, ferida a batalha; de ambas as partes se combateu com o maior valor e pertinacia (*strenuously contested*, dizem os escriptores inglezes); mas, por fim, cederam os francezes. Os dois valentes caudilhos, Montcalm e Wolfe, e os seus immediatos no commando, todos pereceram no campo da honra, — signal evidente de que não se pouparam no meio da acção: feridos todos mortalmente, forçados foram a deixar o campo antes da decisão cabal d'aquella jornada: A victoria pronunciou-se, por fim, pelos inglezes; e cinco dias depois da batalha, rendeu-se Quebec, e a França perdia o Canadá.

Tinha Wolfe trinta e quatro annos de idade, quando a morte dos bravos o empolgou no campo da batalha. Os seus despojos mortaes foram trazidos para Inglaterra, e sepultados em Greenwich. Em 1760 os principaes moradores da sua parochia lhe ergueram um monumento; em 1759 votou a Camara dos Communs um monumento publico á memoria de Wolfe na abbadia de Westminster, o qual ficou patente desde o anno de 1773; e uma estatua de marmore foi votada pela Assembléa de Massachusetts.

Assim succede de ordinario: a illustre raça Anglo-Saxonia não se demora em pagar ao valor e aos grandes servicos o tributo de remuneração, que a patria deve a seus melhores filhos.

Censurae sempre com benevolencia. A verdade que não é caritativa procede duma caridade que não é verdadeira.

D'ALEMBERT E M.^{me} DE TENCIN

(Continuado de pag. 196)

I

D'Alembert esteve num collegio particular desde a idade de quatro annos até os doze; mas logo em chegando á idade dos dez annos, declarou o mestre que não tinha mais que ensinar-lhe. Assim mesmo, e por causa da fraqueza da sua constituição, conservaram-no mais dois annos nesse collegio — donde passou para o Mazarino, ou das Quatro Nações. Tambem neste ultimo deu provas da superioridade do seu talento, e a tal ponto, que os mestres pretenderam aproveitar os singulares dotes intellectuaes do distincto alumno, encaminhando-o para o estado ecclesiastico. Reinava ali o mais austero jansenismo, — e o talentoso estudante era aconselhado á lição do poema de S. Prospero sobre a graça, de preferencia á dos poetas romanos — seus predilectos; mas o moço d'Alembert rejeitou o conselho, e foi sempre dando preferencia ao estudo de Horacio e de Virgilio.

Os pasmosos progressos de d'Alembert fizeram crer que se formava na pessoa d'elle um novo Pascal; e afim de que se tornasse eabal a analogia, resolveu-se que seguisse um curso elementar de mathematica: o que foi o mesmo que pôr em evidencia a disposição principal do espirito do privilegiado alumno.

É curioso ouvir tratar esta especialidade por um portuguez, que tambem teve creditos de bom mathematico:

— Uma sciencia, que partindo de principios simplicissimos e incontestaveis, eleva o homem ao conhecimento de verdades tão sublimes e reconditas, que parece que a natureza se havia esforcado por occultar-lhas, não podia deixar de fazer profundas impressões em um espirito naturalmente exacto e penetrante: d'Alembert experimentou, com effeito, toda a satisfação que a verdade, quando é acompanhada de demonstração, deixa nas almas verdadeiramente creadas para o conhecimento della: sentio-se arrebatado pelo seu poderoso attractivo, e desde logo começou a fazer das mathematicas o principal objecto das suas applicações. O ardor e assiduidade de seus novos estudos, os rapidos progressos que nelles fazia, tudo devêra annunciar a seus mestres, que a natureza tinha procurado formar nelle mais um novo Newton, do que um novo Pascal. Elles o reconheceram assim, e temendo que as mathematicas o roubassem á theologia, procuraram, debaixo de simulados pretextos, dissuadir-o do estudo dellas; porem, todos os seus esforços foram baldados; pois nunca puderam persuadir-lhe, que a preferencia, que dava ás sciencias exactas, fosse de nenhuma sorte viciosa, etc.—(1)

Em saindo do collegio, necessario era escolher uma carreira de estudos, que depois lhe desse uma collocação vantajosa na sociedade. Preferio a do Direito, e a seguiu por algum tempo; mas desgostou se desse ramo de conhecimentos, porque não encontrava nelles as verdades precisas e luminosas da geometria. Voltou, pois, aos seus queridos trabalhos mathematicos; mas alguns amigos lhe persuadiram que taes trabalhos não podiam conduzir-o a adquirir fortuna, e que mais efficazes eram para isso os estudos da medicina.

Adoptou d'Alembert o conselho, e, para mais se firmar na resolução tomada, teve a coragem de mandar para casa de um amigo todos os livros da sciencia que o captivára, e que, aliás, podiam ser estorvo para de todo se consagrar ao seu novo projecto.

— «A ausencia dos livros, diz Stockler, não diminuiu cousa alguma a viveza dos impulsos, com que o genio o chamava para as meditações mathematicas: insensivelmente os foi recobrando todos do poder do seu amigo, e vendo-se outra vez com elles ao pé de si, cansado de luctar com a natureza, se resolveu a ser pobre e a ser geometra.» (2)

Muito vivamente pinta M. J. Bertrand (que já citámos no primeiro artigo) as saudades que d'Alembert tinha dos seus livros de mathematica, e o como, pouco e pouco, esses companheiros vinham voltando a sua casa:

— O espirito de d'Alembert era, felizmente, menos submisso, do que a sua vontade: no meio dos novos estudos assaltava-o por vezes o velho amor da geometria. Quando um problema vinha perturbar o seu repouso, ia d'Alembert (que nenhum genero de constrangimento podia tolerar) caminho de casa do amigo, e de lá trazia um volume; de sorte que, dentro em pouco, e sem que elle proprio dêsse por isso, voltáram todos ao seu poder. Reconhecendo então que era inutil a lucta, e que a doença não tinha cura, retomou affoutamente e com ardor os trabalhos que havia encetado a furto e com timidez. Reconcentrando todas as forças, que até esse tempo andavam dispersas, compoz duas memorias de mathematica, que logo — aos 23 annos de idade — lhe abriram as portas da Academia das Sciencias: e nunca mais se lembrou da medicina. — (3)

Tres annos depois de entrar na Academia, publicou o seu famoso *Tratado de mecanica*, — o qual, no conceito dos competentes, continha um principio que devia renovar e mudar a sciencia do movimento. No discurso preliminar apresentava-se já d'Alembert como escriptor habil e como philosopho ousado, que não temia encarar de frente e discutir as mais altas questões, diligenciando investigar o principio e o grão de certeza de quaesquer verdades accitas.

Poucos tempos depois da appareição da *Mecanica*, coroou a Academia de Berlin uma memoria de d'Alembert sobre a questão proposta pela mesma Academia, — qual a de inquirir a causa dos ventos regulares que reinam na superficie da terra, e calcular os seus effeitos.

Outros trabalhos mathematicos lhe deram celebridade, e o collocaram nas fileiras dos homens distinctos do seu tempo naquelle ramo das sciencias.

Mas d'Alembert, que linha recebido uma forte e variada educação litteraria e philosophica, não podia tambem deixar de brilhar nos dominios da litteratura e da philosophia.

Ligado intimamente com Diderot, e empenhado com elle na collaboração da famosa *Encyclopedia*, tomou á sua conta compôr o *Discurso preliminar*, que vem á frente daquella obra colossal.

(2) Stockler nota que este mesmo pensamento encontrára em Condorcet, bem como outros que elle Stockler apresenta, — o que attribue a reminiscencia.

(3) *D'Alembert, sa vie et ses travaux, par M. J. Bertrand, de l'Académie des Sciences.*

Stockler exprime-se a respeito deste *Discurso* nos termos mais entusiasticos:

— «Neste *Discurso*, diz elle, capaz só por si de fazer para sempre memoravel o nome do seu auctor, traça d'Alembert com penna philosophica e eloquente a filiação natural de todas as sciencias, e artes, e a historia dos seus progressos depois da restauração das letras.» —

Vejam, porem, a apreciação do já citado academico francez, que, por certo, está mais em harmonia com o que hoje se pensa a respeito de tal producção, — aliás de grande preço na época em que appareceu a lume. Eis aqui a indicada apreciação:

— O *Discurso Preliminar da Encyclopedia*, todo escripto por d'Alembert, contem, diz elle, a quinta essencia dos conhecimentos mathematicos, philosophicos e litterarios, que adquirira em 20 annos de estudos. Foi recebido com grandes applausos, e desde logo considerado como obra de primeira ordem. A admiração de Voltaire e de Montesquieu, os louvores — sem restricções — de Frederico, rei da Prussia, não consentem que se olhe ao de leve para este famoso prefacio... já hoje bem esquecido. Em um dos seus escriptos invectiva d'Alembert contra um geometra (nunca se nomeou o seu nome), o qual, ao ver uma bella obra do espirito, perguntava: *Que prova isto?* «Contentar-me-hei, acrescentava d'Alembert, com perguntar: *Que ensina isto?*» Esta pergunta, applicada ao assumpto do *Discurso Preliminar da Encyclopedia*, parece que ficara sem resposta. A classificação dos conhecimentos humanos, pela qual começa, é certamente muito incompleta e arbitraria, — e o modo, mais engenhoso do que natural de os encadear, fazendo-os nascer uns dos outros, parece escolhida com uma certa singularidade para introducção de um dictionario, no qual a ordem alphabetica é quem, e só quem regula a successão dos artigos.» —

Entremos ainda mais no conhecimento do valor do *Discurso Preliminar*, tomando como guia um critico eloquente, e grandemente auctorizado, — nada menos que o sabedor M. Villemain.

No conceito do douto litterato, o methodo e muitas idéas do *Discurso* são tomados de Bacon; mas o quadro de tudo o que as sciencias haviam feito de grande desde Bacon, uma exposição mais precisa, e um todo de comparações, resultante do progresso geral, eram bastantes para a gloria do novo trabalho; faltando-lhe apenas o enthusiasmo da sciencia, que muito avulta no philosopho inglez. Sabido é que era mais nobre a alma de d'Alembert, mais desinteressada que a de Bacon, e mais exclusivamente namorada da gloria das sciencias; mas dir-se-hia que applicava a tudo os processos rigorosos das mathematicas, em vez de levar a essa mesma sciencia a imaginação elevada do metaphysico. — D'aqui resulta que aquelle peristylo da *Encyclopedia*, correcto e bem distribuido, não offerece aos olhos esse ar de grandeza que se nota logo ao abrir o livro de Bacon: *Sobre a dignidade e augmentos dos conhecimentos humanos.* (4)

Stockler apresenta no *Elogio* um resumo do *Discurso Preliminar*, resumo que eu tenho na conta de muito exacto e de muito fiel, porque bem reproduz o encadeamento, que d'Alembert

(4) *Cours de littérature française - Tableau du dix-huitième siècle.*

julgou natural, das sciencias e das artes, e os traços principaes dos successivos progressos das mesmas sciencias e artes, desde a ruina do imperio do oriente até a epoca em que escrevia d'Alembert.

Quando Stockler termina esse resumo, e depois de ter perfilhado toda a doutrina e methodo do Discurso, encarece as qualidades brilhantes que admira naquella producção, — e vem a ser: a deducção natural das verdades; a concisão e elegancia do estylo; a energia da pintura dos grandes genios dos seculos passados; a imparcialidade e reetidão do julgamento; a exacção com que estabelece o objecto de cada sciencia, com que lhe assignala os limites, com que determina o gráo de certeza a que póde aspirar. (5)

Mas, para mais cabalmente nos instruímos, necessitamos de um resumo raciocinado, no qual, a par da exposição, venha tambem um juizo critico apurado. Estes requisitos, indispensaveis, encontramos no seguinte excerpto do já citado critico, M. Villemain:

— Na primeira parte do Discurso, depois de haver estabelecido que o homem deve todas as suas ideias ás sensações, salvo todavia uma lei natural que se encontra dentro d'elle mesmo (excepção justificada, sim, mas destructiva do principio), traça d'Alembert o esboço da genealogia das sciencias, começando pelas noções intellectuaes do vicio e da virtude, da espiritualidade da alma, e da existencia de Deus, — e passando successivamente aos conhecimentos que tem por objecto as necessidades do corpo, e a natureza physica explorada, comparada, medida.

É de notar que neste encadeamento, e neste ponto de partida, separa-se d'Alembert inteiramente de Diderot, e exprime uma crença inteiramente diversa da d'elle: *As propriedades que descobrimos na materia, diz d'Alembert, nada tem de commum com a faculdade de querer e de pensar.* Em outra parte, reconhece uma certeza igual nas verdades moraes e nas verdades geometricas. No todo, o caracter do *Discurso* é uma philosophia judiciosa e firme, que em nada participa do scepticismo amargo e desalentado do proprio d'Alembert. —

Mas, qual será verdadeiramente o valor da genealogia das sciencias, tal como d'Alembert a apresenta na primeira parte do *Discurso*? — No conceito do douto critico, reduz-se a uma nomenclatura mais ou menos arbitraria. «A eloquencia figura ali entre as sciencias de observação; a poesia, que os antigos chamavam uma eloquencia mais santa e mais augusta (*sanctiorem augustioremque eloquentiam*), figuram entre as artes de imitação, após a pintura, a esculptura, e até a esculptura, que, no dizer de d'Alembert, é apenas aos olhos do philosopho, a mascara aformoseada de uma das nossas maiores necessidades. —

Assim mesmo, opina o douto critico, que nem por isso deve ler-se menos attentamente aquella especie de inventario, no qual, sob os diversos numeros de *memoria, imaginação, razão*, vemos coordenados todos os esforços e todos os productos da intelligencia.

No que respeita á segunda parte do *Discurso*, ainda mais notavel do que a primeira, observa M. Villemain que não podia ella deixar de impressionar vivamente os contemporaneos; pois que os

deslumbrava de gloria, offerecendo lhes o quadro dos progressos do espirito humano, em Franca e na Europa, desde o seculo XVI, e da altura a que chegara.

O maior elogio do *Discurso* consiste em que a critica o encára separadamente, destacando-o da *Encyclopedia*, — a qual é considerada como um repertorio necessariamente indigesto e mediocre pela sua propria immensidade, — ao passo que o *Discurso* tinha um caracter nobre e uma certa novidade.

Na *Encyclopedia* não escreveu d'Alembert sómente o *Discurso*; da sua lavra são tambem alguns artigos de mathematica, de historia e de bellas letras, — e em um bello artigo do *Dictionario Universal* se diz que, se toda a *Encyclopedia* fosse composta de artigos naquelle gosto, não teria essa obra experimentado tamanha critica, nem uma tão geral opposição.

— Completaremos em outro artigo o que nos falta dizer acerca de d'Alembert.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO

REMINISCENCIAS HISTORICAS

Quando foi dos tiros que o cruzeiro inglez atirou sobre o navio, em que ia o general Saldaña para a Ilha Terceira, disse um jornal faceto de Pariz:

— *Lord Wellington est plus fort sur le droit canon, que sur le droit des gens.* —

O engraçado deste dito consiste em que a palavra — *canon* — significa — *peça de artilheria* —, e ao mesmo tempo — *regra ou decisão sobre pontos de dogma ou disciplina*; e os termos — *droit canon* — tanto dizem como — *direito canonico*.

Aquelle acontecimento deu occasião a dizer-se que «o governo inglez tinha em reserva, para o serviço dos governos absolutos, as balas que lhe sobejaram do bombardeamento de Copenhague».

O bombardeamento de Copenhague! Foi esse um dos factos mais atrozes, e verdadeiramente barbaros, que o mundo tem presenciado; foi essa uma nodoa indelevel sobre o governo inglez, no ministerio de Canning e Castlereagh!

Na tarde do dia 2 de setembro de 1807 rompeu o general inglez Cathcart um fogo horrivel sobre Copenhague, e o continuou até ao dia 5 de manhã. Perto de dois mil habitantes — de ambos os sexos e de todas as idades — tinham já sido mortos; metade da cidade estava em chamas; as igrejas estavam em ruinas; o fogo tinha pegado no arsenal; e só então o bravo general dinamarquez Peymann, ferido, e ameaçado pelo inglez da destruição geral da cidade, cedeu afinal. A capitulação foi assignada a 7.

A indignação foi geral e profunda em toda a Europa; e maiormente porque era victima d'aquella barbaridade uma nação nobre, honrada e estimada por todos os povos da terra...

Aqui... reprimo a minha penna; não a deixarei escrever o que recentes acontecimentos acordam de indignação!

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

A hypocrisia é uma homenagem que o vicio presta á virtude.

LA ROCHEFOUCAULD.

(5) *Elogio de d'Alembert*, pag. 62 a 67.